

ALMAS SEM DESTINO

(Original em 3 atos de Érico Cramer)

1º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE

Locutor - O Teatro Farroupilha passa a apresentar, neste momento, o original em 3 atos de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA E CAE EM B/G.

Locutor - ALMAS SEM DESTINO!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA E VOLTA A B/G.

Autor - Neste mundo atormentado em que vivemos, ^{tão} cheio de imprevistos ~~S + e~~ surpresas, repleto de incompreensão e desatinos, transbordante de mistérios inatingíveis e onde o inesperado nos surpreende, a cada passo... são sem conta os que vivem solitários, são milhares de vidas destruídas... inúmeras as almas sem destino!... Vidas vazias! Inúteis, quasi. Sem motivo! Vidas que não merecem ser vividas!... E é dessas vidas que hoje nos valemos para viver, com elas, ~~XXXXXXXXXXXXXX~~ nesta historia, o vácuo imenso e o frio que as envolve!... Sigamos ao encontro dessas vidas. Talvez duas nos bastem e / quem sabe ~~si~~ si ~~co~~ colocando-as uma junto à outra, não nos seja, por sorte, concedida, a ventura de ~~vir~~ ^{em} completar-se? Vamos, então. Busquemos duas vidas. Duas vidas sem brilho, ignoradas. Duas almas que vivem sem destino. Por aqui. Esta rua tortuosa termina, justamente, sob o mar. Ha um vulto na amurada. Aproximemo-nos.

CONTROLE - COMEÇA A ENTRAR MANSINHO COM O MAR E VAI AUMENTANDO LENTAMENTE ATÉ QUE O RUÍDO SE TORNA BEM PERCEPTIVEL.

Autor - É preciso chegar bem de mansinho para evitar ~~o~~ susto. O vulto é de mulher. Parece tão distante! Inteiramente absorta! Tão distante e absorta que já, agora, estamos junto dela e não nos vê. É moça ainda. Não terá mais do que vinte e seis anos. E o nome? Qual será? Vou perguntar-lhe. (Pausa e tom suave) Teu nome?

Aparec. - (voz distante) Aparecida.

Autor - Interessante. Tu foste justamente aparecida na historia que pretendo rabiscar. Que fazes aqui?

Aparec. - (idem) Escuto o mar. Contemplo as suas vagas.

Autor - O mar... ^{O mar} é um bonito cenário para historias de amor e desespero! Talvez seja o cenário desta historia. Gostarias de amar um marujo?

Aparec. - Não. Eles aumentam as horas da hossa solidão. Estão sempre distantes.

Autor - Mas existe a lembrança... o pensamento... ele nos faz viver constantemente ao lado da pessoa a quem amamos.

Aparec. - Não basta o pensamento. A realidade da vida é por demais ~~fixante~~ ^{amarga} para nos deixar viver constantemente na beleza de um sonho.

Autor - Que amor gostarias de ter?

Aparec. - Não sei. Já tive tantos... Nenhum deles me soube compreender. Minha mãe, certa vez, atribuiu os meus fracassos amorosos a um excesso de dedicação de minha parte, aos homens que passaram pela minha vida. Disse que eu me dava de mais.. Que amava sem reservas e que a mulher, embra a amando muito, deve sempre fingir indiferença. Não ouvi seus conselhos... e talvez por não ouvi-los... sofri tanto!

Autor - Já sei. Tu pertences àquela espécie de mulheres capazes dos maiores sacrifícios em favor de quem queira o teu afeto.

Aparec. - Exatamente. Eu sou assim. Tal qual.

Autor - Pois bem, vem comigo. Procuremos uma alma como a tua, perdida na amargura e na descrença.

Aparec. - Para que? Que pretendes com isto?

Autor - Ajudar-te a encontrar um novo amor.

Aparec. - Não quero.

Autor - Deves querê-lo. Amas quem quer que seja e como seja. Inda que chores mais... que sofras... que tortures a alma no ciúme... que, incompreendida, o coração magôes... é melhor que viveres sem amor. Anda. Não vaciles. Vem comigo... à procura de outra alma sem destino!...

CONTROLE - SOBE O MAR - FUNDE COM PASSAGEM GRANDIOSA E A SEGUIR EMENDA COM VIOLINO SEM ACOMPANHAMENTO. O VIOLINO TOCA UNS MOMENTOS E AO COMEÇAR A FALA CORTA BRUSCAMENTE.

Taverneiro - Como é, ó seu coisa? Pretende ficar a noite toda tocando essas babo seiras, é? Eu quero fechar a casa.

Geraldo - (embriagado) O senhor... falou comigo, meu amigo?

Taverneiro - Falei sim. Não ouviu?

Geraldo - Eu nem sei bem se ouvi, meu amigo, sabe? O que foi que o senhor disse?

Taverneiro - Eu lhe perguntei se pretende ficar a noite toda tocando essa gerin-gonça.

Geraldo - É a minha única distração, sabe? Posso passar a noite inteira tocan-do porque não me canso.

Taverneiro - Mas cansa aos outros que não estão dispostos a aturá-lo. Vamos, va-mos cair fóra que já é mais de meia noite, o fiscal passa por aí, vê a casa aberta, eu vou me incomodar e pagar multa por sua causa.

Geraldo - Deixe eu tocar só uma coisinha mais para o senhor ouvir.

Taverneiro - Não vai tocar coisa mais nenhuma. Vai é cair fóra agora mesmo ou então eu chamo o guarda e você já sabe onde é que vai dormir.

Geraldo - Escute aqui, ó seu bobalhão: você pensa que eu tenho medo da policia, é? Eu não tenho medo, ouviu? Eu não tenho medo. Eu sou é valente, está sabendo?

Taverneiro - Ah, é valente? Pois então eu já vou lhe mostrar o que é que eu fa-ço com os valentes da sua espécie. (afastando-se uns passos e gritan-do) Seu guarda! Oh seu guarda!... Seu guarda!...

Autor - (afastado) O que houve, meu amigo?

Taverneiro - (idem) Nada, não se preocupe. É um bêbado que está me incomodando e eu vou ~~mandar~~ fazer com que ele vá cosinhar a bebedeira no xadrez.

Autor (afast.) Não, não faça isso. Deixe o homem por minha conta que eu o tiro daqui. (aproximando-se) Meu amigo, solte esse violino e venha comigo.

Geraldo - Hein? Como foi que o senhor disse?

Autor - Disse que solte o violino e venha comigo.

Geraldo - Lá isso é que não! Eu posso ir com o senhor. Mas largar o meu violino eu não largo. Eu vou, mas ele vai comigo. Isto aqui o senhor está vendo é a minha vida, ouviu? A minha vida. Depois que ela me fugiu eu larguei tudo. Tudo, está ouvindo? Tudo! Mas o meu violino eu trouxe comigo. E não o troco nem por uma garrafa de pinga. Por aí o senhor pode imaginar o quanto o estimo. Vendo até a roupa do corpo pra beber mas o meu violino não mesmo.

Autor - Está bem, não ha necessidade do senhor separar-se do seu violino. Venha com ele. Ele poderá dar, por vezes, um colorido todo especial à nossa historia. Vamos, então. Traga o violino e venha comigo.

Geraldo - Mas onde é que o senhor quer me levar, hein?

Autor - Bem pertinho. Deixei ali no banco da praça uma pequena à sua espera.

Geraldo - Uma pequena? (assobio)

Autor - Uma pequena, sim. E bem bonita. Você vai gostar dela.

Geraldo - Gostar? Não acredito. Depois que a outra me fugiu... nunca mais pude gostar de mulher alguma. Sabe que às vezes até tenho raiva das mulheres? É verdade, sim senhor. Raiva! O senhor nunca acredite nelas, ouviu? São mentirosas!...

Autor - Nem todas, meu amigo. Mas deixemos de conversa que a pequena está lá à nossa espera e os ouvintes também. Vamos embora.

Geraldo - Vamos.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL DE GRANDE EFEITO.

Autor - (meia voz) Ali está ela, sentada no mesmo banco e na mesma posição em que a deixei. Aproxime-se e diga qualquer coisa amável para princípio de conversa. Depois, o resto, eu lhe soprarei no ouvido. Vamos. Caminhe para ela.

CONTRA REGRA - PASSOS LENTOS E INSEGUROS QUE SE APROXIMAM SOBRE FOLHAS SECAS.

Geraldo - Boa noite, menina. Tão triste e tão só! O que faz, a esta hora da noite, aqui neste banco?

Aparec. - Não sei. Alguem me trouxe até aqui e disse que o esperasse.

Geraldo - Era a mim que tu esperavas. Permites que me sente um instante a teu lado?

Aparec. - Podes sentar. A praça é de todos... o banco também... E tudo deveria ser de todos; não te parece?

Geraldo - É claro. É isto mesmo. O que é meu, por exemplo, é de todos. Verdade é que eu não tenho nada. Uma cama de ferro... um fogareiro de pressão... uma mesa e duas cadeiras. Mas o que é meu, sendo de todos, é teu também. Se não tens para onde ir, anda comigo.

Aparec. - Não quero.

Autor - (voz velada e um pouco distante) Vai com ele, sim. Tens que ir com ele. Eu quero que vás.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM VIOLINO SEM ACOMPANHAMENTO, JÁ EM FINAL DE UM NÚMERO.

Aparec. - Tocas bem. Muito bem. Sabes que até me fizeste sonhar por um momento?

Geraldo - (já apenas tocado) E o que sonhaste? Com as estrelas?

Aparec. - Não. Com um sol muito brilhante que iluminou os dias da minha primeira mocidade mas que um dia sumiu-se num poente e nunca mais voltou a brilhar no céu da minha vida!

Geraldo - E desde então... tu ficaste perdida e abandonada no negror de uma noite sem estrelas...

Aparec. - Encontrei outros sóes que me aqueceram... mas por vagos instantes. Suas luzes foram fracas... e de pouca duração. Eles não tinham o calor que eu desejava.

Geraldo - E no entanto... és bem bonita. Teus olhos... teus cabelos... tua boca tão rubra... pequenina... Voz macia e suave... corpo esguio e bem feito... Por que será que os homens não te amaram?

Aparec. - Destino de viver sem ter destino.

Geraldo - Como eu, também. Sou bom de coração, tu sabes? Muito bom. Podes crer.

Aparec. - Acredito. Por que não?

Geraldo - A vida... é que tem sido má para comigo. (muchocho) Não importa. Se ela nada me dá... também nada lhe peço. Tenho o meu violino e ele me basta. Quando ele canta sob a pressão dos meus dedos... é a minh'alma que canta! Ele tem o poder de arrancar-me deste mundo de miséria e de abandono e transportar-me para o mundo (maravilhoso da fantasia... o mundo da felicidade com que todos sonhamos... mas que poucos conseguem alcançar. É a minha vida. Poucas horas depois que o sol se ~~esconde~~ esconde, vou com ele às tavernas. Toco para os marinheiros.. estivadores... para os boêmios beberrões... para os soldados... e em troca eles me dão o que beber. E vivo enganando a vida que ri de mim com escárneo, julgando-me um infeliz!... (GARGALHADA).

CONTRAREGUA - TRES BADALADAS DE SINO ESPACADAS E AFASTADAS.

Geraldo - Infelizes são os que se revoltam... os que não sabem aceitar com resignação um destino agreste que nasceu com eles!... (Uma longa e tom) Quantas horas bateram?

Aparec. - Penso que três. Não tenho bem certeza.

Geraldo - Tres horas! Vem comigo. Vamos sair.

Aparec. - Para que? Onde queres me levar?

Geraldo - Ha tavernas abertas toda a noite... e eu quero beber mais.

Aparec. - Para que? Fica aqui. Vai descansar. Amanhã pensaremos algum plano para reconstruir as nossas vidas. (Pausa) E então? aceitas?

Geraldo - Queria beber mais.

Autor - (voz velada e um pouco distante) Tens que aceitar.

Geraldo - Não costumo dormir antes das sete...

Autor - (idem) Tens que aceitar.

Geraldo- Eu queria tocar noutras tavernas... beber mais... Embriagar-me bem... depois dormir.

Autor - (idem) Mas eu quero que fiques. Ouves bem?

Aparec.- E então? Ficas... ou vais?

Geraldo- Aceito o teu conselho. Vou dormir.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - DEZ BATIDAS ESPAÇADAS E AFASTADAS. RESPIRAÇÃO DE SONO PROFUNDO.

Aparec.- Dez horas! E ele dorme ainda.

Autor - (idem) Vai despertá-lo. Já descansou bastante.

Aparec.- Dorme profundamente! Esquecido do mundo e suas penas!... Sorri de vez em quando. Deve estar a sonhar um sonho lindo!... Deverei desfazer essa mentira piedosa? Deverei ~~desfazer~~ obrigá-lo a descer as escadas de ouro do seu castelo de sonho ~~para~~ e abrir os seus olhos para a miséria deste tugúrio?

Autor - (idem) Sim. Vai despertá-lo, já disse.

Aparec.- Tão moço, ainda! Poderá ter pouco mais de trinta anos! É um homem bem bonito. Apenas essa barba o desfigura.

Autor - (idem) Vamos... o que esperas? Desperta-o de uma vez.

Aparec.- (chamando como quem acorda) Meu amigo... meu amigo...

Geraldo- (sonolento) Ahn?!...

Aparec.- São dez horas. Acorde.

Geraldo- (num bocejo) Dez...? Da manhã?

Aparec.- Claro que da manhã pensou que fossem da noite? Não vê a luz do sol, através da janela?

Geraldo- Sim, sim... tem razão... Mas... quem é você?

Aparec.- Como? Já se esqueceu de mim? Não se lembra que me trouxe ontem à noite?... Tocou seu violino para mim?...

Geraldo- (ainda sonolento) Sim, sim... estou me lembrando agora...

Aparec.- Já arrumei todo o seu quarto... lavei sua camisa... e o café está pronto. Levante, vá lavar seu rosto e vamos tomar café. Eu não o tomei, ainda, para fazê-lo em sua companhia.

Geraldo- Que amavel você é. (reparando) Amavel é... bonita.

Aparec.- Amavel é você, já estou vendo.

Geraldo- Como é seu nome?

Aparec.- Aparecida.

Geraldo - É um nome sugestivo. Quem sabe apareciste em minha vida para salvar-me um dia de um naufrágio!... Se é que não estou já, de todo, submerso nesse mar de infortúnios que é a vida!

Aparec. - Mesmo que assim possa ser, meu amigo, tentaremos juntar os destroços do naufrágio, restaurar a pequena embarcação e ao sôpro de uma aragem de esperança, tentar vencer a fúria das procelas. Como é seu nome?

Geraldo - Geraldo. (rápido, como quem se arrependeu) Não, não. Não me chame Geraldo. Nem sei porque lhe disse o meu nome verdadeiro. Chame-me como eles. Rabecão.

Aparec. - Não gosto. Prefiro, então, continuar a chama-lo simplesmente de "meu amigo". Desagrada-lhe?

Geraldo - Não: Pode chamar-me assim. Soa bem. Traz-me conforto. Já não me senti-rei, assim, tão só.

Aparecida - Bem, agora levanta-te. Vamos tomar café. Depois conversaremos.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM MUSICA DE VIOLINO, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ SÓ, E QUE PERMANECE EM FUNDO ATÉ NOVA RUBRICA. - VIOLINO SEM ACOMPANHAMENTO.

Aparecida - Vê como toca bem? Que não houve exagero no que eu disse?

Homem - Sim, sim, de fato, mas... conheço bem o gosto dos que frequentam a minha casa e... não creio que eles possam apreciar um número assim. Querem rir... divertir-se e nada mais.

Aparecida - Talvez apreciassem...

Homem - (cortando) Não, não, não tenha ilusões a esse respeito. Conheço de sôbra a espécie de gente que frequenta o meu café. É uma gente vasia. Gente sem alma. Não sabem sentir a beleza da música.

Aparecida - É pena! (diz isto com desânimo e num suspiro)

Autor - (voz velada e um pouco distante) Vamos, vamos! Não desanime. Insista que ele cede.

Aparecida - Mas... e se o senhor consentisse que ele tocasse apenas uma noite? Uma noite só, por experiencia? Mesmo que não ganhasse nada? Se não agradasse... ele iria embora e o senhor não teria nenhum prejuizo. Se gostassem de ouvi-lo... combinaríamos depois um ordenado...

Autor - (idem) Ceda, vamos. Não vê que o homem precisa reerguer-se?

Homem - Está bem, vá lá... Si ele quer sujeitar-se à experiencia. Eu, por mim, tenho a impressão de que ele vai sair daqui, debaixo de uma saraiuada de apupos, mas... se a senhora insiste...

Aparec. - Insisto, sim.... e muito lhe agradeço.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL,

Aparec. - Pronto, meu amigo. Fiz o que era possível para tornar a sua roupa com aspecto mais decente. Escovei-a com vinagre... fiz o friso das calças... costurei os botões... Penso que de longe e com a luz dos refletores, ela não fará tão má figura. Os sapatos também escovei-os o melhor que me foi possível. Agora vista-se depressa e vamos. São quasi dez horas.

Geraldo - Você vai comigo?

Aparec. - Claro que sim. Quero estar ao seu lado... no seu fracasso... ou no seu sucesso.

Geraldo - Obrigado, minha amiga. Você... é uma grande mulher!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM VIOLINO ACOMPANHADO AO PIANO, JÁ QUASI NO FINAL DO DISCO. - MUSICA BONITA.

Uma voz - Toca bem esse cara!

Outra voz - É verdade. E eu olhei pra pintura ^(dele) e não dei nada.

Uma voz - ~~É~~ A turma serenou que você não ouve um espirro.

Outra voz - Sinal que tá gostando!

Uma voz - Eu até me esqueci do meu fernet.

CONTRA REGRA - UM POUCO AFASTADO, UM PSIU, PEDINDO SILENCIO.

Uma voz - Cara besta. Dá vontade de tocá logo uma garrafa na cabeça.

Outra voz - Para com isso, tchê. Tu vai estragá o nosso concerto.

CONTROLE - AO TERMINAR O DISCO, FAZ ~~MM~~ EMENDA LOGO COM APLAUSOS.

ESTUDIO - AJUDA OS APLAUSOS COM GRANDE ALARIDO DE PEDIDOS DE BIS E ETC.

CONTROLE - ~~MM~~ ABAFA OS ~~MM~~ E APLAUSOS COM UMA CORTINA MUSICAL DE EFEITO.

Aparec. - O que aconteceu, meu amigo? Vem tão alegre!

Geraldo - Ao terminar o meu terceiro número desta noite, apareceu-me lá dentro um senhor circunspecto e me convidou para tocar numa boate de sua propriedade. E sabe quanto me vai dar? Duzentos cruzeiros por noite.

Aparec. - Que bom, meu amigo, que bom! Você nem sabe como estou contente!...

E eu quero estar com você na estreia. Permite?

Geraldo - Claro que sim. Você tem sido a minha mascote. Tudo deixo a você, não esqueci!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM FINAL DE MUSICA DE VIOLINO ACOMPANHADO, SE POSSIVEL, POR ORQUESTRA E EMENDA COM APLAUSOS INTENSOS E PROLONGADOS QUE SE MANTEM ATÉ O FINAL DA CENA.

Aparecida - Que bom!... Que bom!... Como estou contente!... Preciso ir lá dentro abraçá-lo!...

CONTRA REGRA - ARRASTAR DE CADEIRA. POUCOS PASSOS DE MULHER.

Gilberte - (sotaque de franceza, bem carregado) Aparrecide!... Que bom que te encontrrei, menine!...

Aparecida - (num susto que lhe rouba a voz) Meu Deus!... Madame Gilberte!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA PARA FINAL DO 1º ATO.

2º A T O

CONTROLE - CARACTERÍSTICA OU CORTINA PARA INICIO DO SEGUNDO ATO.

ESTUDIO - BORBORINHO DE MUITAS VOZES, RISOS ETC. AMBIENTE DE BOITE.

Gilberte - Que fazes aqui, menine?

Aparec. - Eu... eu... eu ia lá dentro ~~XXXXXX~~ cumprimentar o violinista.

Gilberte - Oh, deixa iste. Vamos lá forra conversar. Eu prreciso muito de falar contigue...

Aparec. - Mas é que...

Autor - (voz um pouco velada e afastada) Vai com ela. Podes ir. Não tenhas medo.

Gilberte - Você parece que está com medo... Vamos, vamos lá forra conversar. Aqui dentro deste inferno de barrulho non se pode prrestar atençom ao que se ~~XXXXXX~~ conversa.

Aparec. - Está bem.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM MUSICA DE DANSA QUE PERMANECE EM FUNDO.

Gilberte - Aqui neste banco ~~XXXXXX~~ estamos bem. (Pausa) Por que nom senta, menine? que está esper

Aparec. - É que eu... eu ~~XXXXXX~~ de ~~XXXXXX~~ ria ter ido lá dentro, primeiro, ~~XXXXXX~~ com ele...

Gilberte - Órra, órra! Depois você irrá. Ilias ~~XXXXXX~~ de temp. (Tom) Mas entom você fugiu de minha casa... desapareceu... nom me pagou...

Aparec. - (aflita) Mas eu lhe pagarei, Madame Gilberte. Juro-lhe que pagarei em poucos dias. É só a senhora ter paciencia de esperar um pouco mais

Gilberte - Você foi uma tola, menine! Aquele velho carréque, barrigudinho, estava loucamente apaixonado por você! Todas as noites está lá em casa parra saber se você já aparreceu. E descobrri que ele tem muito dinheirro, sabe? É banqueirro! Veja que ponta pê na sorte que você está dando. Volte parra a casa comigue e ele vai ficar delirrando de alegrria.

Aparec. - Não, não, Madame Gilberte, eu não posso. Nunca pude viver aquela vida. É horrível! Horrível!... Começava a sentir asco de mim mesma! Deixe-me como estou. Prefiro assim.

Gilberte - Idiôta que você é, pequena. Com essa carra e esse corpo... Ah que si eu tivesse a sua idade e a sua beleza... O que faz você? Garraⁿto que está apaixonade por esse violiniste pobrretom, non é verdade?

Aparec. - Sim. Vivo com ele.

Gilberte - (gargalhada de pouco caso) Parrêce mentirra! Deixar um banqueirro que lhe pode dar tudo, parra viver uma vida miserravel ao lado de um homem insignificante que toca violino. Oh, ma petite, ma petite! Você chega a ser burra!

Aparecida - Vivo tranquila assim. O resto não ~~me~~ importa.

Gilberte - E ele ~~amarrá~~ voce bastante ao ponto de merrecer uma renúncia tom grrande?

Aparec. - Não sei se me ama e não cogito em sabê-lo. Sente-se feliz perto de mim e isso me basta.

Gilberte - É uma verdadeira lastime que você non aprrenda a explorrar os dotes de beleza que possue. Em todo o caso... aparreça lá por casa de vez em quando... Vá tomar um tê.

Aparec. - Eu irei, sim, madame Gilberte. Qualquer dia destes, irei pagar-lhe o que fiquei devendo.

Gilberte - Non se prreocur. Son ninharrias que a qualquer momento você pode me pagar con j... E agora vou entrrar que meu garreto me esper^{ra}. A esta horra lá dêve estar pensando que fugi con o tto. Ciumen te que é o rapaizinho que voce ~~com~~ queirra saber! (risadinha) Vem comigue?

Aparec. - Não, Madame Gilberte. Vou ficar um pouco mais tomando o ar da noite. Lá dentro está tão abafado! Irei depois.

Gilberte - Vai pensar um pouquinho nas coisas que lhe disse? Pense. Pense bastante e ha de chegar à conclusom de que a razom está comigue. Os artistas son muito voluveis, muito inconstantes. Amam, antes de tudo, a sua arte. A mulher está sempre em segundo plano. Isto quando não gostam do jogo ou da bebida. Neste caso... passamos parra terceirro. (risadinha. Tom) Et bien... a tout a leur, ma petite!...

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM SOBRE FOLHAS SECAS.

Aparec. - (depois de pausa, pensativa) Não creio... não posso crer que eu esteja em terceiro plano na vida de Geraldo... Afinal... eu tenho sido tudo para ele!... A amante... a amiga... a animadora... Tenho sido o braço que o ampara... a força que o estimula... Ele até já deixou de beber a meu pedido... voltou a ter confiança em si mesmo... já confia... já espera... fez as pazes com a vida, em suma. (Pausa) Mas... e se apesar de tudo isto ele... ele não me amar como eu deveria ser amada?

Autor - (voz velada e um pouco distante) Continuarás a querê-lo da mesma forma. Continuarás a guiá-lo. Não o abandonarás em meio do caminho porque eu não quero que assim procedas.

Aparec. - (mesmo tom anterior) E se ele me abandonar um dia?

Autor - Ficarás contigo | o consolo de haver praticado um grande bem na vida. A lembrança que conforta | de haveres conduzido ao verdadeiro destino | uma alma sem destino. E agora vai abraçá-lo pelo seu triunfo. Ele te espera.

Aparec. - (tom anterior) O que estará ele pensando da minha ausência? Sim, sim... devo ir abraçá-lo o quanto antes!

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM EM FOLHAS SECAS, RAPIDOS E MIUDOS.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA.

Gilberte - Interessante... esta fotografia desta revista... onde já vi uma carra tom semelhante a esta?... Em algum lugar tenho certeza que vi, só não me lembro onde... (lendo) ~~XXXXXXXXXX~~ Homenagem da Sociedade de Cultura Artística de Marsaille ao grande violinista Gerraldo Lavoisier, no cinquentenário da sua morte. Texto na página trinta e quatro. (Tom súbito) Oh, que cabeça a minha! Agora me lembrei! É o violinista de Apparrecide. Igual, igual!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Aparec. - Tens hoje um ar preocupado, meu amigo. O que te aconteceu? Não foste bem?

Geraldo - Muito bem, felizmente. Como sempre, fui obrigado a bisar todos os números.

Aparec. - Mas tens algo que te preocupa. Vamos, fala... Não gosto de te ver assim.

Geraldo - É que eu recebi a visita de uma senhora francesa...

Aparec. - (choque) Hein? Madame Gilberte foi procurar-te?

Geraldo - Madame Gilberte, exatamente. Foi esse o nome que ela me deu. Quem é essa mulher?

Aparec. - É a dona da casa onde eu morava antes.

Geraldo - Nunca me disseste nada, ~~antes~~

Aparec. - Também nunca me perguntaste... Que te disse ela?

Geraldo - Quer que vás procurá-la. Diz que tem urgencia de falar contigo.

Aparec. - Já sei. É que fiquei a dever-lhe uns trezentos cruzeiros e naturalmente ela está procurando recebê-los. Não queria^s pedi-los a ti porque não ~~ten~~ tens nenhuma obrigação com as minha dívidas do passado e esperava ganhar por mim mesma esse dinheiro para poder pagá-los.

Geraldo - Que tolice a tua! Bem sabes que o dinheiro que ganho é tanto teu como meu. E felizmente, agora, já trezentos cruzeiros não nos fazem falta. Toma. Aqui tens quinhentos. Amanhã mesmo vai pagar-lhe a tua dívida.

Aparec. - Obrigada, meu amigo. Eu nem sei como te agradecer.

Geraldo - Não me agradeças. Muito mais devo-te eu.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Gilberte - Entra parra cá. Aqui estamos sosinhos e poderremos conversar mais à vontade.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM.

Gilberte - As meninas poderriam ficar curriosas da sua visite e nom convem que lhe vejam. Hum-hum!... ~~coisa~~ coisa está melhorrando! Vestide de seda... luvas de camurça... Fa~~z~~ somente un petit chapeaux de veludo ~~noir~~ com um véosinho bem colado ao rosto parra parecer um modelo Grand Chic Parisiene. (risadinha)

Aparec. - Recebi seu recado e apressei-me em vir saldar o meu débito. Aqui está.

Gilberte - Órra menina, iste não tinha nenhuma importancia, em todo o caso merci.

Aparec. - Como? Então não foi para isso que me mandou chamar?

Gilberte - Que esperrança! Se já lhe tinha dito que nom se prreocupasse...

Aparec. - Mas então...

Gilberte - É que temos ggrandes novidades!

Aparec. - (digna) Se vai me falar a respeito daquele assunto, peço-lhe que não ~~recomece~~ recomece.

Gilberto - Oh, non, non! Você parece que está nervosa, menine! É otrra coisa muito differrente! Uma coisa que você vai ficar admirrada!

Aparec. - Pois então fale, Madame Gilberte. Diga o que ha.

Gilberte- Antes, eu preciso que você me diga uma coisa: o nome verdadeiro de seu amante qual é?

Aparec. - Não sei. Conheço-o, apenas, pelo nome artístico. Paulo Ordovás.

Autor - (voz velada e afastada) Mentira. Tu sabes. Dize-lhe a verdade.

Gilberte- Você nom sabe realmente ou nom quer dizer?

Aparec. - Já lhe disse que não sei, Madame Gilberte.

Autor - (idem) É mentira. Sabes, sim. Por que não dizes?

Gilberte- Eu tenho a impressom de que você está pensando que eu quero prrejudicá-lo em alguma coisa. Non é iste.

Aparec. - Mas eu não sei. Como quer que lhe diga uma coisa que ignoro?

Autor - (idem) Não mintas, creatura. Diz a verdade, anda. Eu quero que tu digas.

Gilberte - É uma lastime. Talvez pudesse ser de grande proveito parra ele si saber-se o seu verdadeiro nome.

Aparec. - Mas por que, finalmente? Fale. Diga.

Gilberte- Diga, antes, você, se é verdade que realmente nom sabe o nome verdadeiro do seu amante.

Autor - (idem) Tu sabes e deves dizê-lo. Não continues mentindo. Eu te ordeno. Não queiras dar um rumo diferente ao destino dele e ao teu. Esse rumo só a mim compete dar, não a ti.

~~Gilberte~~ ^{Aparecida} - Pois bem, eu vou dize-lo.

Gilberte - Orra ~~graxas~~ graças a Deus!...

Aparec. - Seu nome verdadeiro é Geraldo Lavoisier de Oliveira. Sua mãe, era também de origem franceza.

Gilberte - Entom, é ele mesmo o homem que eu prrocurro.

Aparec. - Não entendo, Madame Gilberte.

Gilberte - Eu recebo de Frrança umas revistas ~~fxkxax~~ muito interressantes que ttrazem um pouco de tude. E no último numerô que me chegou às mons, havia um retrrato de um violiniste frrancez tom e tom-parrecido com o seu amante! Quer ver? Aqui está.

CONTRA REGRA - RUIDO DE FOLHEAR REVISTA.

Gilberte - Veja. Veja se nom tenno razom.

Aparec. - Realmente. (Pausa) Que interessante! (lendo com vagar como quem traduz) Homenagem da Sociedade Artistica de Marselha ao grande violinista Geraldo Lavoisier, no cincoentenário da sua morte. ^(Pausa) Será em o pai de Geraldo?

Gilberte - Oh, non, non. C'é grand père. O avô. Li o texto, completo. Ele tinha uma filha única que casou, contra a vontade, ^{do pai,} com um brasileiro que, depois da guerra de quatorze, veio residir aqui no Brasil. O marido morreu logo depois e ela começou a passar trabalhos muito grandes, trabalhando até de empregada para manter o filho. Escreveu ao pai contando a situação e o pai quiz que ela mandasse apenas o menino. É claro que ela não quiz. Houve uma tentativa, por intermédio do Consulado de France, de tirar-lhe o pequeno à força. Ela então fugiu para o interior e trocou o seu próprio nome e o nome do menino.

Aparec. - Mas então... talvez não seja conveniente, agora...

Gilberte - Non, non... agora a coisa mudou muito de figura. La Société Artistique de Marseille quer encontrar o neto de Geraldo Lavoisier para oferecer-lhe um curso gratuito no Conservatório de Paris e oferece, ainda, um prêmio de cinco mil francos para quem lhe mandar uma notícia exata do seu paradeiro. Eu quero ganhar estes cinco mil francos e vou ganhá-los agora. Tenho a certeza. Vou escrever hoje mesmo por avião.

Aparec. - (aflita) Não, não, Madame, Gilberte, não escreva ainda, eu lhe peço. Deixe-me falar primeiro com Geraldo.

Gilberte - Para que? Para outro escrever na minha frente e eu perder o dinheiro? Oh, non, non, ma petite! Eu não sou trouxa.

Aparec. - (para si mesma) Meu Deus! Que tolice tão grande eu fui fazer?!... Por que havia de contar a verdade a essa mulher? Por que, meu Deus?!

Autor - (idem) Fizeste bem. Não te lamentes. Cumpriste o teu dever. Era isso, precisamente, o que eu desejava que fizesses.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

Geraldo - O que tens? Por que não dormes? Estás inquieta... nervosa... Ha qualquer coisa que te aflige. O que é?

Aparec. - Meu amigo... já que percebeste... talvez seja melhor que te confesse toda a verdade...

Geraldo - Já sei. Qualquer coisa aconteceu contigo em casa de Madame Gilberte, não foi? Que te disse essa mulher? Aborreceu-se contigo pelo atraso do pagamento?

Aparec. - Não, não. Nem tinha sido por causa disso que ela me havia mandado chamar...

Geraldo - Qual o motivo, então? Vamos, fala. Quando temos alguma coisa que nos tortura, não há como desabafa-la com alguém que nos compreenda e que compartilhe conosco da angústia que nos oprime. E eu penso que estou neste caso contigo. Apesar de ~~há~~ ^{vivermos juntos} ~~há~~ ^{há} menos de um ano, penso que já nos conhecemos o bastante para podermos confiar inteiramente um no outro.

Aparec. - Sim, sim, eu sei, mas... é que faltei a uma promessa que te havia feito e agora tenho um receio enorme de que te magoe comigo.

Geraldo - Faltaste a uma promessa que me havias feito? Não sei qual possa ser...

Aparec. - Lembra-te do pedido que me ~~havias feito~~ ^{fizeste a} respeito do teu verdadeiro nome?

Geraldo - Sim. E tu o disseste a alguém? (preocupado) A essa tal de Madame Gilberte? (Pausa. Sêrio) Aparecida! Por que fizeste isso?

Aparec. - (chorosa e aflita) Não me fales assim, meu amigo. Não me olhes deste modo querido. Deixa-me que te conte primeiro o que aconteceu e depois, então, dirige-me as censuras todas que quizeres. Eu ~~mas~~ não tive má intenção, asseguro-te. E relutei bastante em dizer-lhe a verdade, creias. E só depois de ver na revista o retrato de teu avô foi que...

Geraldo - (cortando) O retrato de meu avô, dizes tu? Que revista? Que retrato? Sabes mais de minha vida do que eu mesmo. Como soubeste isso tudo, afinal? Vamos, fala. Eu estou ansioso... estou aflito...

Aparec. - Espera. Vou te contar tudo, desde o princípio. Quando cheguei em casa de Madame Gilberte, ela me fez logo passar para uma saleta reservada, ao lado de seu quarto. (Vai afastando a voz até se perder) Quando entreguei-lhe o dinheiro em pagamento da conta que lhe devia...

CONTROLE - HARPEJO

Aparec. - (aproximando-se aos poucos) ... diante de tudo aquilo e ignorando ainda o detalhe da existencia de um prêmio para quem indicasse o teu endereço, eu, longe de imaginar que te pudesse prejudicar, acabei por dizer-lhe a verdade. (Tom) vês agora que não foi por mal? Compreendes a verdadeira intenção da minha atitude? (Pausa) Fala, por favor, querido! Não sentes que estou quasi morta de receio e de arrependimento?

Geraldo - Só agora começo a compreender toda a verdade!... E amanhã mesmo irei procurar Madame Gilberte para que me mostre essa revista. Preciso vê-la. Ela talvez aclare umas dúvidas que ainda me assaltam!...

Aparec. - Mas por favor, querido, tranquilisa-me. Achas que isso poderá prejudicar-te? Por que razão procuravas esconder tua verdadeira identidade? Por favor, dize-me, antes que me mate essa angustia que sinto.

Geraldo - A razão nem eu mesmo a compreendia, Aparecida. Somente agora começo a vislumbrar um raio de luz nesse misterio que guardei ^{durante} tantos anos, sem saber o verdadeiro motivo porque deveria guardá-lo. Agora... tudo começa a se esclarecer. Minha mãe havia me pedido que nunca dissesse a ninguém o meu nome verdadeiro. Prometi-lhe proceder assim e durante vinte e dois anos cumpri a palavra empenhada, sem procurar conhecer os motivos que a levavam a proceder dessa forma. Só hoje os compreendo. Era o medo de que me arrancassem de junto dela. Somente isto, e nada mais.

Aparec. - Dize-me, querido: e se... se a Sociedade Artística de Marselha quiser realmente levar-te para tirares teu curso em Paris... tu... (a medo) tu serás mesmo capaz de ir?

Geraldo - (entusiasmo) Mas naturalmente! Não devo perder semelhante oportunidade! Será a realização de um sonho que, de tão grandioso e sublime, eu nunca me havia atrevido a sonhar!... Far-me-ei concertista! Correréi todas as capitais do mundo! Meu nome ha de brilhar, em letras faiscantes, à frente dos teatros famosos de todos os grandes centros! Pedir-me-ão autógrafos... fotografias... Os jornais publicarão entrevistas... Serão disputadas as localidades para os meus concertos... Serei um artista, Aparecida! Um grande artista!... Terei... (Pausa. Corta e Tom) O que é isso? Tu... Tu estás chorando?

Autor - (Tom velado e afastado) Mente-lhe que não. Tu não choras e não deves impedir que ele parta para cumprir o seu verdadeiro destino?

Aparec. - (mesmo tom velado) Mas e eu? Eu o que farei si ele partir?

Autor - (idem) Veremos isso depois. Por óra é o destino dele que está em jogo. Vamos, responde a pergunta que ele te fez. Mente-lhe que não estás chorando.

Geraldo - Não te alegra a felicidade grande que me espera?

Aparec. - (segurando as lágrimas, voz trêmula, mentindo) Claro que sim. Pensas te que eu estava enxugando alguma lágrima porque levei a mão aos olhos? Nada disto. Estava apenas procurando tirar qualquer coisa que estava me afligindo. Uma pestana, talvez. Somente isto.

Geraldo - Não está mentindo?

Aparec. - De maneira alguma. Estou alegre! Contentíssima! Tenho até vontade de rir! De gargalhar como louca! (gargalhando e falando as palavras entre-cortadas pelo riso com que procura esconder os soluços que querem saltar da garganta) Paris!... Vais para Paris, querido! Vais para Paris, amor!... Que felicidade, meu Deus!... Que felicidade!... (XXXXXXXXX
(continua a rir sem falar), afastando um pouco)

Autor - Isso! É assim, precisamente, que eu te quero! Heroica e sublime! Abafando, nas gargalhadas que te sacodem a alma, os soluços de dôr que te comprimem o coração!... Isso! Continua a rir. Mais! Mais! Sempre mais!...

Aparec. - (Voltam as gargalhadas à primeiro plano por uns momentos) mais)

CONTROLE - FINAL GRANDIOSO PARA O SEGUNDO ATO, ABAFANDO AS GARGALHADAS DE APAREC.

3.º A T O

Gilberte - A princípio, naturalmente, deve ter pensado que se tratava de um embuste, não?

Geraldo - Confesso que sim.

Gilberte - E agora, diante das provas que lhe apresento, está plenamente convencido?

Geraldo - Claro que sim. Não ha nenhuma razão para dúvidas. E diga-me Madame Gilberte... quando é que a senhora vai escrever para a revista, comunicando-lhe o seu achado?

Gilberte - Já escrevi ontem mesmo, uma lètrre expresse, par avion. Hoje muito cedo já fui levá-la ao correio.

Geraldo - Sim, porque... eu tinha pensado, esta noite, em me dirigir a eles por telegrama mas uma vez que a senhora já escreveu eu não desejo tirar-lhe o direito de receber o prêmio que lhe cabe.

Gilberte - Bem, mas se o senhor deseja as coisas mais apurradas, pode passar o telegrama no meu nome. Eles depois receberão a carta mas não importa.

Geraldo - É, também podemos fazer assim. Eu posso até dizer, no telegrama, que segue carta com maiores detalhes. Assim tudo se resolverá mais rapidamente.

Gilberte - Vejo que o senhor está entusiasmado e ansioso...

Geraldo - Se estou, madame Gilberte! Também... a senhora ha de concordar comigo que é uma oportunidade excepcional! Não lhe parece?

Gilberte - Sem dúvida! O senhor não poderia perdê-la por coisa alguma deste mundo!

Geraldo - E tudo isso eu ficarei devendo à senhora, Madame. Nunca o esquecerai! E além de tudo, a senhora me libertou de uma angústia e uma desconfiança, inconfessáveis, que viviam dentro do meu espírito.

Gilberte - Como assim?

Geraldo - Eu achava estranha e incompreensível a promessa que minha mãe me obrigara a fazer, ~~que eu nunca deveria revelar a ninguém~~ ~~em torno da minha mãe~~. Nunca me animara a perguntar-lhe os motivos e ~~ela~~ ela, por sua vez, mantivera, sempre, um misterioso silêncio ~~em~~ sobre o assunto. A senhora compreende... essa estranha atitude de minha mãe suscitava dúvidas, as mais cruéis, no meu coração. Pensava muitas vezes: minha mãe estará querendo esconder um ~~grande~~ erro do seu passado? Um crime? Uma traição? E vivia num inferno constante de dúvidas e de apreensões. Essa notícia vem arrancar do meu coração um espinho que o feria muitíssimo.

Gilberte - Compreendo, sim. Deveria ser uma coisa muito dolorrosa para o senhor.

Geraldo - ^(da tentativa) Dolorosíssima. Felizmente a notícia de rapto vem aclarar tudo. E certamente minha mãe nunca quis fazer qualquer referência ao fato, para não ter que me revelar a grande mágoa que deveria ter contra seu próprio pai.

Gilberte - É claro. Bem, mas agora tudo ~~está~~ está esclarecido e o senhor irá conhecer ~~Paris~~ Paris. A minha Parris adorada que eu tenho uma lembrança que não se apaga nunca. A Parris das midinettes... dos grand magasins do Louvre... do Bois de Boulogne... do Moulin Rouge... La Cigale... A Parris de Mont-Martre... de Mont-Parnasse... do Promenade des Anglais... de Notre Dame... Oh, Parris, Parris!... Un souvenir de ton cœur reposée toujours dans mon cœur!...

Geraldo - Paris foi sempre o meu sonho, quando, em pensamento, me transportava à velha Europa, sabe? Quando menino, ainda, pensava em estudar, tornar-me ^{advogado} ~~advogado~~, trabalhar, juntar dinheiro e ir, afinal, conhecer a cidade luz. Depois... encontrei uma mulher que me desviou do meu caminho para afastar-me de minha mãe, arredar-me dos meus deveres, apagar todos os meus sonhos e aspirações, tornar-me um bêbado e um inú-

- til... para finalmente abandonar-me, dois anos depois, atolado num lodaçal, sem forças para reagir. Muitos anos depois... uma outra mulher, encontrada naquele mesmo lodaçal, corre em meu auxílio, estende-me a sua mão amiga e confortadora e me reconduz ao caminho abandonado, reavivando os velhos sonhos esquecidos!

Gilberte - Aparrecide.

Geraldo - Sim... ela. Foi o meu anjo da guarda na minha enorme desdita.

Gilberte - E vai levá-la com o senhor?

Geraldo - Não será possível. Mas de qualquer maneira, mesmo distante, hei de ter sempre para ela um pensamento grato.

Gilberte - E ela não irá lhe fazer falta lá distante?

Geraldo - Talvez... Creio bem que, à princípio, extranharei sua falta. Mas depois me habituarei. Afinal... tenho que pensar que não poderia mantê-la enquanto estudasse.

Gilberte - Com essa frieza com que o senhor fala, vejo que não lhe tem amor.

Geraldo - Efetivamente. Ela foi e continua a ser, para mim, uma boa companheira. Leal... inteligente... agradável... bonita... entretanto eu confesso que amor nunca cheguei a dedicar-lhe. Por que? Não sei. Essas coisas a gente não explica. Sente-se, apenas e nunca se sabe porque se sente. Bem (Tom) Bem, Madame Gilberte, a conversa está muito boa mas eu preciso ir passar, o quanto antes, um telegrama para a revista. Se me permite, vou copiar o endereço.

Gilberte - Como não, monsieur? Como não?

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Geraldo - Madame Gilberte não me procurou?

Aparecida - Até agora, não.

Geraldo - Passamos ante-ontem o telegrama e até agora nenhuma resposta! Oh meu Deus, como está demorando!...

CONTROLE - HARPEJO PARA INDICAR PASSAGEM DE TEMPO

Geraldo - Quatro dias, já, e eu continuo na mesma expectativa ansiosa, sem nenhuma resposta!

CONTROLE - HARPEJO RÁPIDO - O MESMO ANTERIOR.

Geraldo - Sete dias! Uma semana, precisamente, e... nada!

CONTROLE - O HARPEJO ANTERIOR, RÁPIDO

Aparec. - (triste) Madame Gilberte esteve aqui.

Geraldo - (alvorço) Hein? Madame Gilbert? (impaciente) E é com essa cara que tu me dizes? Francamente...

Aparec. - Perdôa, querido. Estou com dôr de cabeça, é por isso.

Geraldo - Mas afinal, o que disse Madame Gilberte? Vamos, depressa.

Aparec. - Veio... veio a resposta do telegrama.

Geraldo - Onde está? O que diz?

Aparec. - Ela levou-o de volta, depois que tomei conhecimento do seu teor. Disse que tu ~~podias~~ podias ir à casa d'ela...

Geraldo - (cortando, impaciente) Sim, sim, mas isso não tem importancia. Quero saber o que dizia o telegrama.

Aparec. - Manda que te apresentes ao Consulado Francez, levando provas da tua identidade e que lá, já encontrarás instruções sobre o que terás que fazer... a data do embarque... condições e etc...

Geraldo - Puxa, até que enfim!... Parecia que isso não vinha mais. Vou imediatamente ao Consulado.

Aparec. - Espera, querido, almoça primeiro, sinão depois vai ficar muito tarde.

Geraldo - Não, não, não quero almoçar. Comerei qualquer coisa pela rua, depois que sair de lá. (afastando-se) Se me telefonarem da "boite" por causa do ensaio, diz que de hoje em diante já não toco mais lá.

Aparec. - (depois de pausa, sofrendo, tom baixo) Como foi possível que ele mudasse tanto em tão poucos dias?!... Nem foi necessário procurar esconder as lágrimas que ~~des~~descorriam pelo rosto... porque ele nem as notou!... E eu pergunto a ~~mesma~~ mesma o que será mais triste?!... A separação... ou a decepção?!... (desata em pranto convulsivo)

Autor - (veado e afastado) Já chorando outra vez? Bem... podes chorar. Desde que não o faças na presença dele... Afinal... as lágrimas ocultas não alteram o ~~rit~~ caminho que tracei para cada um dos meus personagens e servirão de desabafo para o teu coração tão magoado. Só não quero que chores na presença dele, não esqueças. Ele poderia sentir pena de ti e resolver ficar, mesmo contrariando as minhas determinações. Tu te fiz pecar e agora quero que redimas as tuas faltas com lágrimas amargas mas silenciosas que são as ^{únicas} que verdadeiramente valem no pagamento das nossas culpas.

Geraldo - (radiante) Aparecida, estou radiante! Tudo arranjado! (Tom brusco) Que foi?

Aparec. - Nada, nada... Não te preocupes. Uma ligeira tontura. Há dias já que ando assim indisposta...

Geraldo - Imagina que há um vapor para a Europa dentro de cinco dias e eu já poderei ir nele.

Aparec. - (com supremo esforço) E... e vais?...

Geraldo - ~~Exatamente~~ Naturalmente. Por que le i de perder meu tempo aqui?

Aparec. - (idem) É claro...

Geraldo - E agora volto a sair para tratar de várias pequeninas coisas que ainda me faltam. Vim em casa um momento, só para trazer-te esta notícia. Para repartir contigo a minha imensa felicidade!

Aparec. - (idem) Agradeço-te a intenção, Geraldo. Foi muito amavel...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL BONITA E TRISTE.

Geraldo - Vim despedir-me da senhora, Madame Gilberte. Despedir-me e agradecer-lhe ainda uma vez.

Gilberte - Órra, órra, senhor... Nada tem que me agradecer. A que horas embarca?

Geraldo - Dentro de meia hora. Às três horas o vapor levanta ferros.

Gilberte - Oh mas entom está bastante atirrazado. Vai passar em casa, ainda, parra apanhar a bagage?

Geraldo - A bagagem já está a bordo; levei-a pela manhã mas vou passar lá, ~~ainda~~, para me despedir de Aparecida.

Autor - (velado e afastado) Não. Tu não vais despedir dela. Resolvi, neste momento, que não te despeças. Vai dirr~~amente~~ para bordo e deixa-lhe um bilhete em mão de Madame Gilberte.

Gilberte - O senhor serrá capaz de perder o navio. Cuidado! Por que nom vai dirr~~amente~~ parra bordo? Eu irrei, depois, lá e explicarrei tudo à menine.

Geraldo - Sim, foi justamente o que me ocorreu neste momento. Mas deixarei um bilhete em sua mão. A senhora depois o entregará a ela.

Gilberte - Parfétment. Ici la plume... et le papier...

Geraldo - Obrigado.

CONTRA REGRA - ~~SE~~ RUIDO DE ESCREVER, DEPRESSA.

Geraldo - (lentamente, afastando-se e junto com o ruído de escrever) Minha bôa... e dedicada amiga... A carencia de tempo... impediu-me... de levar-lhe, na última hora... o meu abraço e o meu beijo... de despedida...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRISTONHA, QUE VEM SUBINDO E ABAFANDO A VOZ DE GERALDO FUNDE COM APITOS DE VAPOR SE AFASTANDO E FUNDE OUTRA VEZ COM A VALSA
(segue)

- DA DESPEDIDA, UNS MOMENTOS FORTES E DEPOIS CAINDO EM B/G. PARA FUNDO DA FALA QUE SEGUE.

Autor - Pronto. Lá se foi ele. Deste eu estou livre! E agora... deixem-me pensar uns momentos para ver o que vou fazer dela.

CONTROLE - SOBE A VALSA MAIS UNS INSTANTES E CORTA.

Aparec. - Que coisa extranna! Ele me disse que o vapor sairía às trez horas e ~~que~~ ~~antes~~ ~~disso~~ voltaria em casa para se despedir de mim ^{mas} até agora não apareceu... E se ele perdesse o vapor? Oh, meu Deus, isso seria tão bom que eu nem posso acreditar que acontecesse...

Gilberte - (afastada) Permetez moi, Aparecida?

Aparec. - (projetando, tom de estranheza) Pois não. Entre, Madame Gilberte.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

Aparec. - ~~Que~~ Que aconteceu?

Gilberte - Trrago-lhe una petite lètrre.

~~Aparec.~~ ~~Gilberte~~ - (voz trêmula) Já sei. Ele partiu sem se despedir de mim.

Gilberte - Parra poupar uma cena de tristesse entre os dois, comprreende? Mas ~~leia~~ leia o bilhete.

CONTRA REGRA - RUIDO DE ABRIR UMA CARTA.

CONTROLE - Entra em fundo com a valsa da despedida, permanecendo ate o fim da cena.

Aparec. - (lendo - voz embargada de pranto) Minna bôa e dedicada amiga. A carencia de tempo impediu-me de levar-lhe, na última hora, (afastando-se, ao mesmo tempo que a voz de Geraldo vai se aproximando, lendo com ela o final da frase.) o meu abraço e o meu beijo de despedida.

GERALDO - (que já está lendo desde as palavras "ultima hora", conjuntamente com Aparecida mas em 2º plano, começa a se aproximar e na palavra "despedida" deve passar a 1º plano) Bem sei que deveria dizer-lhe pessoalmente o meu muito obrigado pelo grande bem que você foi em minha vida, mas... talvez seja melhor assim. Poupo a você, e a mim, a natural emoção de uma despedida. Talvez um ^{no futuro} dia ainda nos encontremos e possamos voltar a esta suave convivencia do presente, cuja lembrança tanto me enternece. (afas) Mais uma vez obrigado a você e um beijo muito amigo do Geraldo.

Aparec. - (começa a ler junto desde a palavra "obrigado" da frase anterior, porem em segundo plano passando a primeiro na nome de Geraldo) (Pausa) (Crise violenta de choro com soluços magoadissimos)

Gilberte - (depois de pausa longa - suave) Pobrrre menino!... Que pena tom grande que eu tenho de você!... (Pausa) E agorra? O que vai fazer? Quer voltar parra a minha casa?

Aparec. - (entre soluços profundamente magoados) Talvez... mais tarde... seja... obrigada a voltar... Madame Gilberte. Mas... por óra, não. Deixe-me... ficar aqui... Por óra... eu não quero voltar... e se pudesse, mes mo... nunca mais o voltaria... mas não sei... talvez seja obrigada a voltar!... (choro manso por uns momentos)

CONTROLE - SOBE FORTE A VALSA DA DESPEDIDA, FUNDINDO COM RUÍDO DE MAR QUE FICARÁ EM PRIMEIRO PLANO E VIOLINO EM 2ª - MELÓDIA TRISTE E BONITA EM BG-AMBOS - PARA TODA A CENA.

Aparec. - (tom suave, sentido, falando para o mar) Mar!... Veino mar que desde pequenina, me fizeste vibrar ao som das tuas vagas!... Sempre gostei de ti!... Tu foste para mim o meu brinquedo, na quadra encantadora dos folguedos! Foste, depois, o mudo confidente dos meus primeiros sonhos, dos suaves devaneios ^(e esperanças) da minha mocidade! Foste, ainda, só tu quem reco-lheste as lágrimas de amor, primeiras, que chorei! Foste sempre o refúgio que busquei para as horas amargas ou tranquilas! E pelos prazeres todos que me deste, pelos sonhos todos que me permitiste sonhar ao lado teu, pelas esperanças todas que a própria cor das tuas águas me inspirava, pelas lágrimas que piedosamente sepultaste... eu te queria muito, velho mar!... Mas hoje... já não posso ser a mesma! Há uma profunda mágoa no meu peito por esse mal tão grande que fizeste!... Levaste-o para longe!... Não sabias, por certo, o bem que eu lhe queria!... Que farei sem ele, agora? Que me importa se em torno de mim existe a vida, se ele me abandonou? Que me importa o mundo inteiro, se fugiu do meu lado!... O mundo, para mim, é este bilhete amarrotado na minha mão! Este pedaço pequeno de papel que eu aperto com ância ~~xxxxx~~ ^{mas} ~~xxxxx~~ que me estiraçalha!... (Pausa e tom) E já que foste o túmulo da minha felicidade, permite que eu me afogue em tuas águas...

Autor - (Afastado) (brusco e forte) Para! Não é esse fim que reservei para ti.

Aparec. - Deixa-me! Deixa-me! Não te intrometas ^{na} minha vida.

Autor - Como não hei de intrometer-me se a vida que tens foi criada por mim? És minha escrava e posso fazer de ti o que quizer. Terás que obedecer-me!

Aparec. - (chorosa) Tenha pena de mim! Consinta que me afogue!

Autor - Não, já disse. És apenas ^{uma} personagem da minha história. Eu sou o autor. Terás que andar, portanto, inteiramente ao sabor da minha imaginação.

Aparec. - Mas que farei agora, inteiramente só?

Autor - Aguardarás. Quem sabe?... Ele pode sentir a tua falta e voltar ~~novamente~~ novamente a procurar-te.

Aparec. - E se ele não voltar?

Autor - Esqueces que no mundo em que vivemos, ha tantas outras vidas solitárias?!
Alguna ha de correr ao teu encontro. E se isso não se der... não ficarás
tão só. Ha de ficar contigo o suave consolo do bem que praticaste!
A lembrança que estimula e que conforta de teres reconduzido ao seu ca-
minho uma alma perdida e sem destino!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA GRANDIOSA PARA FINAL DA PEÇA.